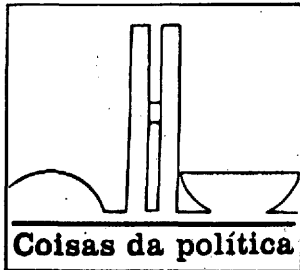


23 JUL 1985

# Desta vez Sarney falou e disse

Villas-Bôas Corrêa

O Presidente José Sarney encontrou-se e achou o Governo. O seu discurso de ontem não frustra expectativas e, para os que exigiam definições e afirmações do Presidente da República, numa impaciência irritada e prenunciadora de fantasiosas catástrofes, trata-se de uma peça inteira e abrangente e que atende a todos os paladares.



Coisas da política

Para princípio de análise, o discurso de Sarney indica que o Presidente fixou um modelo de estilo, com uma marca pessoal forte e de fácil identificação. Buscou intencionalmente as frases curtas e de impacto, cunhando **slogans** em cada período da longa exposição. Para um Governo que se engasgara com deficiências notórias de comunicação, o Presidente parece que procurou dar o exemplo de uma linguagem enxuta e direta, de instantâneo entendimento até mesmo na abordagem de temas que não podem fugir do enfoque técnico.

Mas, talvez mereça ser saudado com todo o estoque de esperanças renovadas a postura que o Presidente adota, como se assumindo integralmente o Governo, já senhor dos seus problemas e dos muitos meandros nos quais os desatentos costumam perder o rumo e o tino.

Sarney exibiu alguns achados que não devem passar despercebidos. Parece exato, por exemplo, na medida certa, o tom que encontrou para verbalizar a denúncia da terrível herança recebida dos seis anos calamitosos das omissões, incompetências e corrupção do seu inesquecível antecessor. O Presidente escapole da tentação de nomear, com todas as letras e títulos, o irresponsável ausente. Mas o quadro é de uma terrível dramaticidade: "Herdei para administrar a maior crise política da história brasileira, a maior dívida externa do mundo, a maior dívida interna e a maior inflação que já tivemos. A maior dívida social. A dívida moral. A efervescência das reivindicações e o desespero diante das soluções impossíveis".

É previsível que se estranhe a pintura de um cenário de horror por quem há pouco mais de um ano presidia o PDS. Mas é mesquinho catar miudezas de ontem, quando o Presidente atende à exigência da opinião pública e dá um recado que merece exame e respeito.

Convém atentar para os dados estatísticos do balanço revolucionário. Não para cobranças inúteis, mas para que a lição seja absorvida, assim como quem se vacina contra o risco da recaída:

"A metade mais pobre da população brasileira, que em 1960 detinha 4% da renda nacional, tem hoje menos de 3%. Os 10% mais ricos que possuíam 39% da riqueza nacional passaram

a comandar 51%. Os pobres mais pobres, os ricos mais ricos.

Basta dizer que, no campo, 1% das propriedades representa, hoje, 45% da área rural. Isso explica o fogo e o caldeirão social.

O desemprego aberto é da ordem de 13 milhões de pessoas. O déficit potencial das contas públicas é de Cr\$ 110 trilhões."

Mas o discurso logo contém a veemência da denúncia e enxuga as lágrimas do desespero para o amplo esboço de uma proposta de reconstrução. É que começa, significativamente, por reafirmar a opção política e pessoal do Presidente José Sarney pelo apoio popular. "Nenhum governo — sentencia o Presidente — terá sucesso sem a confiança do país".

Pela chave popular se afina a proposta básica de "um grande acordo nacional", que passa por cinco pontos fundamentais: 1 — Liberdade; 2 — Desenvolvimento; 3 — Opção social; 4 — Identidade cultural e 5 — Soberania e Independência.

Os especialistas deverão cuidar de esmiuçar a exposição circunstanciada sobre os objetivos econômicos do governo, desde os êxitos de que o Presidente se jacta aos esquemas para o futuro.

No anúncio da estratégia para a renegociação da dívida externa Sarney foi parcimonioso. Praticamente apenas reiterou conceitos repetidos em várias oportunidades. Com algumas colocações que merecem registro, como a solene advertência de que "a dívida para nós não é instrumento de luta ideológica, não será jamais uma peça de confrontação Leste-Oeste".

Como quem se cuida para não revelar trunfos táticos, Sarney fica na enunciação de vagos propósitos. Sempre puxando pela nota patriótica: "Estamos enfrentando uma difícil negociação da dívida externa com os banqueiros e o FMI. Não podemos admitir que a intransigência dogmática de organismos financeiros internacionais imponha ao país uma política recessiva desnecessária. Nós, homens de Estado, lidamos com fatos e não com teoremas". O que quer dizer que Sarney ao mesmo tempo que sacode as orelhas do FMI, finca pé para resistir à exploração das esquerdas e engrossa a voz na antecipação de um endurecimento para valer.

Pois nem de propósito. Justo no dia em que o Presidente José Sarney fez o mais importante e denso pronunciamento dos seus quatro meses de Governo, sem os descontos sabidos, o Gallup divulgou os resultados expressivos da sua última pesquisa de opinião pública e que informam, em resumo, que a popularidade do Presidente subiu expressivamente. A aprovação popular ao Governo Sarney que era de 51% em abril inflou para 57% do apoio da população em pesquisa feita entre 15 de maio e 10 de junho.

O discurso de ontem certamente que deu um empurrão para o alto nos 57% que representam um índice folgado, acima da maioria absoluta. Daqui por diante, o grande desafio do governo será o de sustentar as esperanças, cobrindo as expectativas não apenas com palavras que o povo deseja e precisa ouvir mas com os fatos que atestem a coerência conseqüente entre o verbo acadêmico e a ação do Presidente que afinal, falou e disse.

F. M. D. 2